

Eu não te disse tudo o que tanto queria,
nem te falei de amor o quanto desejei...
O nosso mundo a sós, o nosso dia-a-dia
foi tão fugaz que passou... e eu nem notei...
Se tudo sufocou, dizer por quê não sei...
No entanto, estando a sós comigo, eu repetia
baixinho, ao teu ouvido, a frase que criei,
para tua emoção, em minha fantasia.
E o tempo foi passando, alheio, indiferente...
E eu me calava, enfim, quando podia, ainda,
dizer-te tudo o que guardava insanamente!
Escuta-me, por Deus! Quero dizer-te, agora,
na prece mais sentida e na saudade infinda,
as mil frases de amor que não te disse outrora!
Brandina Rocha Lima, Não disse tudo!

A criança abandonada
sem amor, sem proteção
é semente germinada
no deserto da afeição.
A. Lacerda Júnior, 1209 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP
Com um livro na cabeça
caminha empinada a bela.
Assim quem sabe acontece
o que saber penetre nela...
Antonio Augusto de Assis

Digo-vos nesse instante
isso sem sair do tom
se é bom ser importante
mais importante é ser bom.
Antonio Pereira Mello, 0912
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE
O ciúme foi fatal,
meu Deus, foi mesmo uma pena;
por um fato tão banal
perdi a minha brenha.
Antonio Claret Marques

Teimava em me seguir, eu bem que percebia...
Tinha modos gentis. Simpática (não bela).
Não queria assustar-me, andava com cautela,
diferente do andar da grande maioria.
Eu sempre recusei lhe fazer companhia,
embora esta mulher me fosse sentinela
em horas de descanso. Eu não gostava dela
pela insistência atroz com que me perseguia.
Seu nome? Não sabia. Apeliéi-a a Intrusa.
Eu lhe fechava a porta, exibindo a recusa
de comigo a reter na partilha do lar.
No espelho, certo dia, atrás de mim postou-se...
Quis irritar-me? Sim. Mas disse com voz doce:
– Eu me chamo Velhice e vim para ficar.
Miguel Russowsky, A intrusa

Fanal 0811: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Dizem que eu sonho em excesso
mas insisto em voos altos
e as pedras nas quais tropeço
impulsionam novos saltos.
Gerson César Souza, 1209 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br
A Lulu, no livro de ouro
deixou recado maneiro:
– Em casa dou meu tesouro
para quem chegar primeiro.
Dizce Montechiari

VIII Concurso de Trovas da Academia Mageense de Letras – 2012

Gosto de ver a neta pequenina
brincando de boneca, ali na sala.
Algo materna há nela quando a nina,
ou quando canta e no seu colo a embala.
Um dia, vai deixar essa menina
de ser a criança que hoje anda, fala
e, às vezes, gente grande se imagina,
no seu vestido cor-de-rosa e opala.
Permita Deus eu possa vê-la moça,
depois mulher, a mãe que agora exulta
com a boneca que possui, de louça.
E que ela, após a física mudança,
conserva ainda, quando for adulta,
a mágica pureza de criança.
Ziver Ritta, Minha neta

São meus ouvidos dois ninhos
onde guardo, ao meu sabor,
um bando de passarinhos:
tuas mentiras de amor.
Lilinha Fernandes, 1010 Trovia
alkalu77@gmail.com; visite:
www.falandodetrova.com.br
Um livro sempre carrega
tentando mostrar cultura,
mas ao se expressar... não nega
ser uma cavalgada.
Flávio Ferreira da Silva

SELEÇÕES EM FOLHA
Ano XVI, Nº 11 – 2012 NOVEMBRO
Assinatura até 31.12.13: 13 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

¡Extravío!
– Ayer salió sin corbata... Érase todo tiniebla
– Hoy se olvidó el bastón... – ¡Y e aquí que
– Ha perdido la memoria. el primer día Dios
– ¡No! creó el Amor!...
– ¿Pues? ...Y descansó
– ¡Perdió el corazón!... los seis restantes.

Julio Herrera e Reissig, Poesía Completa y Prosa: Átomos de Luz,
Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Quão amena, a convivência...
Quando enfim, todos se aceitaram...
e com fraterna, leniência,
mutuamente, se respeitaram...
Pedro Grilo, 1111 Trinos
do Pitiguari: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN
Quando ela passa formosa
cheia de encanto e faceira,
mostra a graça esplendorosa
da morena brasileira.
Licínio Antonio de Andrade

Algo, decerto, profundo
deste ditado extravasa:
não há lugar, neste mundo,
melhor do que nossa casa.
Ziver Ritta, 0811 Fanal:
Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP
Professora, já caolha,
ao aluno, com carinho:
“Neste livro falta a folha...”
– Eu a usei pelo caminho!
Nei Garcez

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado,
à escolha) em uma única ½ folha de papel, com
nome, endereço e assinatura. Despachá-la nor-
malmente pelo correio e/ou e-mail com nome,
endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do
respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente
numerada, a relação dos haicus desse
mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e
sem a devida correção em tempo hábil), afim de
selecionar 10% deles.
Para perceber a diferença do terceto haicu, dos demais, leia Trevo e Trova, no site acima à direita!

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.11.12, enviar até 3 haicus de quigos: Contagem de votos (Carnaval), Manga, Pororoca.
Até o dia 30.12.12, enviar até 3 haicus de quigos: Arrozal de outono, Bergamota, Dia da Poesia.
Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmenezdes@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.
Para perceber a diferença do terceto haicu, dos demais, leia Trevo e Trova, no site acima à direita!

QUIDAIAS DE PRIMAVERA – TEMAS DE PRIMAVERA

No oco da árvore
os filhotes da coruja
já querem voar.
Amanda Onisko

Borboletas agitadas
fazendo um caminho
logo pela manhã.
Ana Beatriz Born Boff

Beira do lago
a mãe ganso e filhotes
passeiam sem pressa.
Bruno Cercounei

No jardim do colégio
o beija-flor aparece
alegria no pátio.
Cecília Tlumaski Prima

No fundo do quintal
já um suave perfume
flor de pessegueiro.
Elza Valenga

No jardim da escola
voam as borboletas
crianças em volta.
Mariele Klein Bach

No calor da tarde
borboletas agitadas
no jardim de casa.
Rafaela Sander Schreiner

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Dia dos Finados!
De preto, a jovem senhora
chora, aos pés da cruz. B
Amália Marie Gerda
No quintal da casa
pintassilgo pula e bica
farelos de pão. A
Angelica Villela Santos
Na hora do almoço,
perfume invade a cozinha.
Sálvia no tempero. B
Angelica Villela Santos
Túmulos floridos,
orações, velas acesas.
Dia dos Finados. F
Angelica Villela Santos

Cemitério cheio,
uns choram, outros passeiam.
Dia dos Finados. F
Argemira F. Marcondes
Dá tristeza ver
pintassilgo na gaiola
sem poder voar. S
Argemira F. Marcondes
Dia de Finados.
Um sepulcro envelhecido
sem uma flor... B
Djalda Winter Santos
Menino contempla
pintassilgo na gaiola.
Dá-lhe liberdade! S
Djalda Winter Santos

Canteiro de sálvias
enfeita o jardim.
Natureza exuberante! S
Djalda Winter Santos
Voa o pintassilgo
nas árvores florescidas
fugindo... voltando... F
Elizabeth Krinski Beraldo
Dia dos Finados
junto de uma sepultura
duas flores brancas. J
Elizabeth Krinski Beraldo
Trânsito flui lento
na frente do cemitério.
Dia de Finados. J
Flávio Ferreira da Silva

Braçada de flores.
Tributo à saudade eterna.
Dia de Finados. J
Flávio Ferreira da Silva
Na mata fechada,
o pintassilgo gorjeia.
Ao amanhecer. S
Flávio Ferreira da Silva
Cemitério florido,
velas e orações
Dia de Finados. J
Iracema Gomes
Todo colorido,
ali, no galho.
Pintassilgo. J
Manoel F. Menendez

De novo o azulado
já na ponta de seus galhos.
Florada da sálvia. S
Manoel F. Menendez
Velha vergada
depondo flores.
Dia dos Finados. Z
Manoel F. Menendez
Flores e tristeza,
cemitérios enfeitados,
Dia de Finados. J
Maria App. Picanço Goulart
Sálvia bem verdinha
embeleza todo prato
e dá sabor. S
Maria App. Picanço Goulart

Guardas expulsando
os vendedores de flores.
Dia dos Finados. S
Renata Paccola
Trânsito parado
na rua do cemitério.
Dia dos Finados. Z
Renata Paccola
Ao redor da mesa
gente com água na boca.
Peixada com sálvia. F
Roberto Resende Vilela
Arbustos. Sementes.
Primícias primaveris.
Canta o pintassilgo. J
Roberto Resende Vilela

Velas. Ramalhetes.
Silêncio. Orações e lágrimas.
Dia de Finados. J
Roberto Resende Vilela
Sabor especial
da comida da caseira.
Tempero de sálvia. J
Sílvia Maria Svreda
Dia de Finados.
Em cada pranto, a saudade.
Só flores e velas. J
Sílvia Maria Svreda
Rede na varanda –
o cantar do pintassilgo.
Pequenino dorme. Z
Sílvia Maria Svreda

A V I A G E M D E N Ú P C I A S
Alberto Moravia 1907-1990, O autômato, tradução: Manuel Martins de Sá, Livros de Bolso Europa América, Edição 540/1733, 1972 – www.estantevirtual – Gentileza de Roberto de Lucia

Logo que o comboio saiu da estação e começou a correr, a esposa disse que as cerimônias nupciais a tinham cansado muito; era um verdadeiro alívio estarem finalmente sós. Giovanni respondeu em ar de gracejo: – O prazer da viagem de núpcias, segundo creio, consiste principalmente em subtraírmolos a todos aqueles que nos querem festejar. Apenas acabou de pronunciar estas palavras, verificou que eram pelo menos estranhas na boca de quem, como ele, se havia casado um par de horas antes; e pensou em desculpar-se, de

forma afetuosa, com a mulher. Mas não teve para isso tempo, porque, por sua vez, a mulher, sorrindo, observou: – Sim, mas desde que os noivos se amem realmente. Acho que muitos, no entanto, gostariam de prolongar o mais possível a festa, a fim de retardarem o momento de se encontrarem sós. Giovanni não disse nada; levantou-se e começou a arrumar as malas nos portabagagens. No momento exato em que erguia os braços para remover a mala maior, a frase da

mulher, que já lhe tinha saído da ideia, voltou-lhe de novo à memória, ressaltando do silêncio como ressaltava uma bola arremessada contra um muro. E ele não pôde deixar de ficar por um instante parado, com os braços erguidos e os olhos fixos num cartaz de publicidade turística representando o lago de Como. “Desde que os noivos se amem realmente.” Porque teria a esposa proferido aquela frase? A quem queria aludir? Acabou de arrumar as malas e, depois, sentou-se de novo em frente da mulher, que, entretanto,

tinha voltado a cabeça para a janela e, segundo parecia, observava o campo nu e escuro, inundado de claro sol invernal. Giovanni estudou por um momento a figura da mulher, e então – tendo a sensação de fazer uma autêntica descoberta, após muitas confusas exaltações – verificou, subitamente, que não havia qualquer relação entre eles; ou, melhor, que havia a mesma relação que pode surgir entre um viajante desprovido de curiosidade e uma sua companheira de compartimento, moderadamente atraente e interessante. Notou que a mulher

tinha os seus cabelos, louros e finos, penteados de uma maneira nova, para cima; este penteado insólito confirmava a sua sensação de se encontrar perante uma completa desconhecida. Por outro lado, o rosto branco e frio, de traços delicados e caprichosos, aparecia-lhe destituído de irradiações afetuosas, semelhante a um astro extinto do qual seria inútil esperar luz e calor. Mas reparou imediatamente que atribuía à mulher a sua própria falta de sentimento; ela não era senão um espelho no qual se refletia fielmente a sua apatia.

Ocorreu-lhe que devia falar; com as palavras, talvez esta sensação de incomunicabilidade desaparecesse. Mas o que dizer? A única coisa a dizer, pensou com pavor, era que não havia nada a dizer. Circunvagou o olhar pelo compartimento do vagão-cama, cheio de madeiras polidas, de metais e de veludos, procurando um pretexto para conversar. Depois olhou para a janela inundada de sol. Disse apressadamente:

— Está um lindo dia, não está?

A mulher respondeu, sem se voltar:

— Sim, está.

Giovanni perguntou a si mesmo o que tinha tornado a sua frase tão diversa da mesmíssima frase proferida noutras circunstâncias; e compreendeu, talvez pela primeira vez desde que ele e a sua mulher se conheciam, que quisera dizer apenas aquilo que dissera, nem mais nem menos; isto é, na prática, nada. Outras vezes, pelo contrário, a frase sobre o estado do tempo tinha tido o valor de uma abordagem sentimental, tinha servido, em suma, para estabelecer contato. Querendo ficar totalmente convencido, recomendou:

— Queres ler o jornal?

— Não, obrigada, prefiro olhar a paisagem.

— Pouco falta para passarmos pelas estações de Civitavecchia.

— A que distância fica de Roma?

— Julgo que a pouco mais de cinquenta quilômetros.

— Que há em Civitavecchia? Um porto?

— Sim, o porto onde se embarca para a Sardenha.

— Nunca esteve na Sardenha.

— Estive eu, passei lá um Verão.

— Quando?

— Há quatro anos

A mulher calou-se, voltando a cabeça para a janela; e Giovanni, desesperado, perguntou a si mesmo se, por acaso, ela não teria reparado que ele lhe falava de maneira mecânica, usando palavras insensatas, como as que se leem, seguidas, nas páginas dos dicionários. Depois de refletir, concluiu que alguma coisa devia ter transparecido; com efeito, havia quase uma obstinação inflexível na forma como ela olhava a paisagem. Além disso franzi-a as sobrancelhas e mordiscava o lábio inferior, o que era sinal de contrariedade. Giovanni suspirou, pegou ao acaso numa revista e folheou-a. O olhar caiu-lhe sobre o jogo das palavras cruzadas, que não fazia há muito tempo, e veio-lhe à ideia que era uma ocupação totalmente de acordo com o seu atual estado de espírito. Remexeu no bolso à procura de uma caneta e, não a encontrando, pediu à mulher:

— Por favor, podes emprestar-me a tua caneta?

Ao mesmo tempo, a mulher, voltando-se para ele, disse:

— Desculpa, podes emprestar-me o teu canivete?

As duas frases cruzaram-se e Giovanni pensou que, noutra altura, ambos teriam desatado a rir com esta cômica coincidência; mas desta vez, nem ele nem a mulher se riram, como se soubessem que não havia nada de cômico. Na realidade, pensou Giovanni, tinham-se casado poucas horas antes, em frente do altar, segundo um rito de séculos, que os queria unidos e comunicantes para sempre; e, no entanto, tinham já descido ao ponto de se falarem nos seus exercícios linguísticos dos manuais escolares: “A mulher tem uma caneta, mas o marido tem um canivete.” Giovanni estendeu o objeto pedido, perguntando:

— Para que queres o canivete?

Por sua vez, a mulher estendeu-lhe a caneta, respondendo:

— Para descascar uma laranja. Tenho sede.

Em seguida, calaram-se. O comboio corria velozmente ao longo do litoral, de um azul cruel e cintilante; Giovanni procurava em vão encontrar uma palavra com cinco letras que significasse uma descoberta científica suscetível

de grandiosos progressos; a mulher descascava a laranja com a cabeça inclinada, numa atitude própria de passageira reservada que não dá nem pede confidências. Giovanni encontrou finalmente a palavra do jogo: “átomo”; e pôs-se a pensar que esta palavra tinha para ele muito mais sentido do que a palavra “amor”, que, em teoria, deveria designar a relação existente entre ele e a mulher. Experimentou dizer mentalmente: “Eu amo minha mulher”, e verificou que a frase lhe soava vazia e arbitrária como uma afirmação que não pode ser demonstrada. Pensou então: “A laranja está na mão de minha mulher”, e sentiu imediatamente que tinha formulado um pensamento muito mais consistente e verdadeiro. Ergueu os olhos: a laranja estava de fato na mão de sua mulher, e esta olhava-o fixamente, com ar consternado. Disse, embaraçado:

— Chegaremos a Paris amanhã de manhã, às nove.

A mulher, com voz sumida, respondeu:

— Sim. — Levantou-se e, sem apresentar qualquer justificação, saiu apressadamente do compartimento.

Logo que ficou só, Giovanni notou com espanto que experimentara uma espécie de alívio. Sim, não havia dúvidas, o fato de sua mulher ter saído quase o fazia crer que ela não existia; e esta ilusão inspirava-lhe um sentimento que não estava muito distante da felicidade. Era uma felicidade negativa, semelhante àquela que alguém experimenta quando uma enxaqueca ou outra dor física cessa repentinamente; mas, de qualquer modo, era a única que tinha sentido desde que entrara no compartimento. Por consequência, pensou ainda com terror, logo que a mulher regressasse, sentir-se-ia de novo infeliz. E seria assim durante toda a sua vida, pois, estando casados, já nada havia a fazer.

Subitamente, a saída precipitada da mulher, pouco antes, pareceu-lhe significativa. Evidentemente, ela notara a sua frieza abstrata e mecânica e saíra porque não a podia já suportar. O que havia de estranho? Até um cego notaria isso; e com maior razão uma mulher sensível e inteligente, no primeiro dia de

casada, durante a viagem de núpcias.

O comboio emitiu um silvo longo e começou a afrouxar, enquanto o mar azul e resplandecente desaparecia atrás de uma fila de edifícios populares, amarelados. O comboio parou debaixo de um alpendre; uma voz gritou sonoramente: “Civitavecchia!”; as portas começaram a bater, escancarando-se. Giovanni levantou-se e, a fim de desanuviar a cabeça no ar gelado, puxou para cima o vidro da janela. Então, para além da multidão que subia ou descia do comboio, para além de um carrinho carregado de revistas e de livros, viu a mulher, reconheceu pelos cabelos louros e pelo *tailleur* cinzento-azulado, a encaminhar-se apressadamente para a porta de saída. Pensou logo que estivesse a fugir: certamente dirigia-se para o largo da estação, onde aguardaria um taxi que a levasse a Roma. Assim se explicava o seu silêncio e a sua saída do compartimento pouco antes. Ao pensar nisto, Giovanni sentiu-se assaltar inesperadamente por uma ansiedade desesperada; atirou-se para o corredor, alcançou a porta, saltou para baixo.

Mas quando ergueu os olhos viu a mulher vir ao seu encontro, sorrindo, feliz. Dando-lhe o braço, Giovanni não pôde deixar de apertar o braço dela entre o seu. Subiram de novo, pois o comboio, apitando, já começava a arrancar. Uma vez no compartimento, ela lançou-lhe subitamente os braços ao pescoço, beijando-o com paixão. Depois, Giovanni ouviu-a balbuciar:

— Se tu soubesses que medo eu tive!... Estava debruçada à janela, ao fundo do corredor, e pareceu-me ver-te descer da carruagem e avançar para a saída, como para fugires de mim. Então, corri no teu encalço e agarrei-te por um braço. Mas não eras tu, era outro parecido contigo e que caiu das nuvens quando lhe falei, chamando-o pelo teu nome.

— Mas porque temias que eu fugisse?

— Porque há pouco tive uma sensação horrível. Parecia-me não sentir já nada por ti, não poder sequer falar-te: e convenci-me de que te tinhas apercebido disto e que, então, tinhas preferido fugir em vez de ficar comigo.

ALGUÉM QUE, TANTO EU GOSTARIA DE VER OUTRA VEZ

Delta do Amazonas, Casa do Novo Autor – casadonovoautor@uol.com.br; www.estantevirtual.com.br – Gentileza de Maria Guilhermina

Festa do Dia das Crianças no Royal Club, situado na Barra Funda, SP.

Muito doce, refrigerante e farta distribuição de presentes.

Festa completa, preparada nas minúcias.

Eu cantava, na época, apenas dez anos de idade, portanto estava totalmente à vontade naquele evento juvenil.

Entretanto, um acontecimento fez com que eu desejasse ser um adulto e não uma criança como eu era, pois teria a chance de ser mais ousado, lançando-me ao desejo de conquistar uma encantadora pessoa.

Uma bailarina que estava se apresentando naquela festa, e, que tendo muitos encantos, tal qual um botão de sofisticada flor, chegou a enfeitar-me quase por completo.

Uma jovem garota de cerca de onze anos de idade, não mais do que isto, passa a ser a soberana regente em mim, ditando regras, critérios e ordens o tempo todo, a que eu ia obedecendo, acatando, como alguém hipnotizado por ela. Elegância nos gestos, beleza no olhar, graça na dança. Um formoso vestido azul de bailarina

ornamentava-lhe o corpo. Suas pernas eram grossas e roliças como peças esculturais à mão.

A energia arrebatadora, que advinha desses contornos, dessa tez ou desse conjunto de agradáveis visual que ela me proporcionava, estonteou-me, sem que eu pudesse ou dele quisesse me ver livre ou distanciado.

Percebi que eu fui indo puxado, absorto por ela. Mas, gostava, enquanto essa impressão me dava de assim o sentir.

Esta menina de tão rara beleza, ao dançar, percebeu-me presente. Ainda bem! Talvez eu a tenha atraído pela minha insistência na fixação do olhar ou pela força de pensamento que, com certeza, a chamava aos berros, enfática, repetidas vezes, audacioso e aflito. Passa a olhar-me com frequência, enquanto dançava.

Um beijo carinhoso soprado em minha direção confirma a suspeita de que ela havia notado a minha presença, fato que consegue acelerar a minha afobada volúpia.

Eu correspondo com um aceno igualmente carinhoso, porém esganado, quase sem fôlego e com o sangue a ferver nas minhas veias,

fazendo perceber o coração a querer saltar para fora do meu peito.

Termina a dança, nossos olhares se cruzam repetidas vezes, por entre as pessoas, por entre o alarido da festa, formando um emaranhado, consolidando, dessa forma, um autêntico diálogo silencioso, de quem diz tanto sem sequer pronunciar uma única palavra.

A bailarina e eu estávamos fartamente apaixonados, um pelo outro!

Só que, éramos duas crianças e não tínhamos a habilidade, a prontidão, própria dos adultos, para saber, com absoluta certeza, o que fazer, diante daquela paixão repentina, devastadora, fugaz, desprovida de sutileza, mas, tão oportuna e gostosa, bem-vinda.

Permitimos que os nossos olhares falassem tudo aquilo que queríamos dizer e a fala e o toque não tiveram igual ousadia e coragem.

Doravante, por impressão, somente nós existíamos naquele recinto.

Por fim, chega a hora de ter que ir embora.

Acenei para ela e saí, eu, tinha que ir!

Não havia outro jeito!

Obtive dela um outro gesto igualmente carinhoso.

Lá da rua, eu noto que ela saiu na sacada do prédio para poder gastar as últimas chances que tinha para alimentar aquela troca das nossas vontades.

Outra vez, aquele beijo soprado nas mãos atinge os confins de mim, alimentando-me as escancaradas aquele sabor do amor jovial debutante.

Quis parar de ir. Quis voltar, crescer na idade, me atirar nos braços dela, para jamais dali me ausentar.

Eu quis me rebelar contra aqueles que me conduziam na direção oposta daquela com quem eu precisava estar. Quis ser forte, pois tinha o braço puxado por alguém comprometido em me levar de volta a um tempo que não mais me interessava viver.

Tentei resistir. Tentei protestar. Tentei, não ir embora, mas...

Dobro a esquina a olhar para trás.

Desde então, eu nunca mais a vi novamente. Desde então, eu nunca mais pude esquecê-la!

Se me derem uma rua, que seja uma via chã; onde apenas caiba a lua e a casa de minha irmã.

Sopesando alguns conceitos, entre brisas matinais, vou corrigindo defeitos, sem ferir meus ideais.

Sepulte os meus segredos e emparede minhas dores. Hoje vivo entre arvoredos e jardins cheios de flores.

Nosso amor foi desatino, surgiu de mera emoção, e volitou sem destino como um fiapo de algodão.

Para vencer as batalhas do rancor dentro do peito, procure usar as sandálias da modéstia e do respeito.

Não sei se choro ou se grito por nosso amor ter um fim, já que te dei o infinito e achaste pouco de mim.

Toda solidão me agrada, se acaso risos me traz. E nessa mansão sagrada, louvo a Deus e vivo em paz.

Sou pescador, amo o mar com sua eterna magia, que faz meu estro vibrar e transbordar de poesia.

Adentrei na sua vida com festas e canapés e saio de alma ferida aos gritos e pontapés.

Onde se encontram meus mortos, aqueles que ainda sinto? Foram beber noutros portos algum elixir extinto?

Como dói, como me arrasa a lembrança triste e ingrata, de ter que sair de casa nas minhas Bodas de prata.

Canta na mata um arroio, passa arisco um colibri. Ao longe, o som de um aboio me traz saudades de ti.

Primavera traz colírios ao chegar de supetão, com manhas de brancos lírios e noites de mansidão.

A terra todos sepulta com humoso sólido, desde a figura mais culta ao ingênuo tabaréu.

Cigarra não canta nada, faz das asas seu cartaz. Mas quanta gente emplumada não imita o que ela faz.

A chuva é gelada e fina, a madrugada flutua...

Chora um trompete em surdina no bar da esquina da rua.

Neste mundo de pioneiros, em meu cansado vaivém, nunca estou entre os primeiros, mas participo também.

Mau caráter, impiedoso, não poupa o tempo ninguém. Desde o pobre ao venturoso, transporta no mesmo trem.

Humberto Del Maestro, Trovas, haicais e poemas afins. 8º Volume – Endereço do autor: Rua Aurora de Aguiar Ferreira 171/702, Ed. San Juan, Jardim Camburi CEP 29090-310 – Vitória/ES

Velhos e novos ditados: Quando não se tem o que se ama, cumpre amar o que se tem. Quem longe vai casar, ou se engana ou vai enganar. Quem ri por último ri melhor, mas demorou a entender.